

## OH MAR SALGADO

Manuel Abranches de Soveral

– *Tão? Marou?*

Jo encarou Al com expectativa e preocupação. Há horas que aguardava o irmão naquele barranco inóspito, gelado e infeliz.

Al sentou-se pesadamente contra a encosta, fungou, ajustou a pele do fundo capucho de forma a protegê-lo do vento que descia molhado junto à urze, e suspirou:

– *Nã!*

– *Fo! Tamos feitos...*, desesperou Jo, deixando-se também sentar na urze, as mãos nos bolsos, os olhos turvos.

O aquecimento global e conseqüente aumento do nível da água dos oceanos tinha submergido não só os grandes centros urbanos costeiros como largas áreas de costa. Afinal, estavam erradas as teorias que no início do séc. XXI afirmavam, com base no que tinha acontecido no passado remoto, que o nível do mar não subiria mais de 2 metros por século. As novas condições, nada similares às desse passado, levaram ao colapso do equilíbrio atmosférico, a um súbito e imparável degelo em cadeia e a uma subida média de 100 metros do nível dos oceanos. Meio mundo desapareceu e Portugal ficou reduzido a menos de metade. Antes, o esgotamento das reservas petrolíferas e de muitas outras matérias-primas, a par do crescimento das economias emergentes, tinham já conduzido a enormes vagas de desemprego no Ocidente, sobretudo na Europa, e incontáveis revoltas populares, suportadas ou aproveitadas pelo terrorismo internacional. Esse caos tinha desmantelado e desorganizado por completo quer a economia de mercado quer o regular funcionamento de tecnologias tão básicas como a produção de electricidade, deixando inoperacionais os Estados e a administração

pública. A regressão tecnológica começou nas periferias, alastrou-se a ferro e fogo aos centros urbanos e progressivamente estendeu-se a quase toda a parte. Aqui e ali, restaram apenas pequenas *ilhas* super defendidas, onde o velho mundo se foi mantendo enclausurado. No geral, as pessoas tinham ficado entregues a si próprias e regressado a uma economia basicamente agrária e artesanal, de troca directa, organizando-se em pequenas comunidades autónomas. No Médio Oriente, o Irão e Israel destruíram-se mutuamente numa guerra nuclear, enquanto o mundo islâmico do norte de África e Golfo Pérsico, ainda antes do fim do petróleo, sucumbiu ao caos de revoltas e guerras tribais intestinas, que incendiaram milhares de poços e muito contribuiu para o agravamento do colapso ambiental que iria despoletar a desgraça da Grande Cheia. Em 2090 iniciou-se uma nova idade do gelo, precedida de uma invulgar actividade vulcânica, que durante esse ano cobriu o planeta de espessas nuvens de cinza. A Europa do norte e centro começou a ficar permanentemente debaixo de gelo e neve. O canal da Mancha gelou e todo oceano a norte também. Inglaterra, na sua maioria submersa, deixou assim de ser uma ilha. Portugal, apesar dos invernos duríssimos, ainda conseguia ter no verão zonas de degelo, com alguma breve produção agrícola. Conforme foi avançando esta nova época glacial, o nível do mar começou de novo a baixar, quase tão rapidamente como subira.

Al e Jo, gémeos, tinham nascido justamente em 2090, o ano do Grande Frio. Tinham agora 22 anos e nunca conheceram outra coisa.

Pertenciam à comunidade de Ribadouro que, de um lado e outro do rio Douro, se acantonara nas faldas das serras da Aboboreira e de Montemuro

quando a região do Porto foi coberta pelo mar. As águas tinham inicialmente entrado pelo vale do rio, subindo consideravelmente as suas margens nas íngremes vertentes mais a montante, mas com o tempo o labor do Douro soube devolver ao mar a água salgada, mantendo é claro o enorme caudal. Caudal que agora, com a época glacial, todos os anos diminuía muito, deixando a descoberto vastas zonas fantasmagóricas, repletas de ruínas.

Sobretudo o curto Verão era aí um tempo de beleza, esperança e descoberta. O degelo, local e mais longínquo, lançava o Douro em correrias insanas e fatais. Por todo o lado, a natureza acordava em mil cores, odores e sons de pasmar, que as pessoas mal tinham tempo para apreciar, tal a azáfama em aproveitar aquela breve dávida para plantar e colher o máximo possível.

Naquela manhã de Junho ainda gelada, Al e Jo desesperavam com o destino padraço. Tinham seis anos quando o pai morreu, nos primeiros tempos terríveis do Grande Frio, que dizimaram milhares de pessoas. A mãe voltou logo a casar com um viúvo, bem mais velho, pois a vida de uma mulher com duas crianças não era viável sem o apoio masculino. E era justamente pela morte dele, o Ze, que os gémeos suspiravam.

— *Coisa mor, pa! Nem topas... Nã da pra contar!*

No verão passado chegara o chefe Rui com a novidade, que alvoraçou a comunidade. Durante vários dias tinha percorrido a margem do rio, para jusante, com a incumbência de saber se a descida do nível das águas tinha deixado a descoberto terras aráveis aproveitáveis. Encontrou muitas nestas circunstâncias, se bem que ainda bastante alagadas. Receosos de que a baixa das águas fosse apenas temporária, a comunidade decidiu esperar para ver antes de tomar qualquer iniciativa de colonização desses locais.

Mas a novidade mais excitante, sobretudo para a juventude, foi a de alguns grandes edifícios que o chefe Rui disse que viu, deixados a descoberto pela descida das águas, e outras construções, ainda maiores, que vislumbrou à distância quando aí subiu ao ponto mais alto da encosta. O mar, garantiu, já não se via!

Os gémeos foram os mais entusiastas e não o largaram com perguntas sobre tudo, a que o

chefe Rui foi respondendo, primeiro lisonjeado, depois enfadado. E em breve nasceu na sintonizada cabeça dos jovens o secreto projecto de partirem à descoberta desse novo mundo e também dessa miragem que nunca tinham chegado a ver: o mar!

Depois de muito congeminar durante o longo inverno que pouco ou nada deixava fazer, decidiram construir um barco para descer o Douro. Nos finais de Abril, quando o pior da invernia começa a acalmar e a tentativa de alguma caça se torna possível, usaram esta desculpa para deitar mãos à obra, escolhendo para o efeito uma recôndita ravina próxima do rio, ainda gelado mas já perigosamente quebradiço.

Eram ambos óptimos carpinteiros e foi-lhes fácil subtrair boas tábuas secas às reservas que eles próprios tinham cortado e aparelhado para as necessidades da casa. Contudo, como o Douro estava gelado a maior parte do ano e no degelo se tornava completamente selvagem e inavegável, a comunidade não fazia uso de barcos, que não compensavam para os escassos dois meses em que o rio se deixava navegar. Nessas ocasiões usavam-se umas largas jangadas para fazer o atravessamento, nada mais. Por isso os jovens careciam de conhecimentos para levar adiante o projecto que os animava. Mas, por qualquer memória telúrica, acabaram por construir um barco de fundo chato e tábuas sobrepostas, de 15 metros e 4 de boca, com um único e esguio mastro, guiado por um remo longo à popa. Para vela, usaram uma velha colcha de linho fino suspensa numa verga.

Sem o saberem, tinham recriado o velho barco rabelo!

Estavam conscientes de que tinham de partir em inícios de Julho, quando o rio começasse a ser navegável, portanto em plena azáfama agrícola, e teriam de regressar, a pé, antes de o inverno se abater sobre tudo e todos. Ninguém podia descobrir o seu intento, caso contrário o padraço nunca os autorizaria a ir, sobretudo na época em que eram mais necessários.

E foi isso mesmo o que aconteceu. Em finais de Junho, quando o barco ficou concluído, foi avistado por um caçador, que correu a alertar a vizinhança. Soube-se tudo e o Ze, inteirando-se

que os enteados se preparavam para o abandonar na altura que mais eram precisos para a sobrevivência da família, tendo além disso usado material da casa sem sua autorização, proibiu-os terminantemente da aventura pouco antes de ter uma apoplexia que o deixou sem acordo. Al e Jo tinham por Ze uma estima comedida e o arrependimento de terem sido causa do colapso do padraço e da aflição da mãe rapidamente se esbateu face à oportunidade que se abria com a possível morte do velho. Sendo maiores de idade, pela lei vigente na comunidade seriam eles os herdeiros, não a mãe. Podiam portanto seguir com os seus planos. Assim o padraço se fosse a tempo.

– *Gran! Alto paca...*

– *Garra i, me! Olh'o virame!*

A vela enfunada à leve brisa estival, o barco enfiado na corrente agitada, foi só no segundo dia de viagem que Al e Jo começaram a descobrir ao longo das margens os espectros de uma civilização há muito esquecida. Fantasmagóricas, algumas ruínas erguiam-se do próprio rio, ainda meio submersas, o que alertou os gémeos para a necessidade de conduzirem o barco bem pelo centro do caudal, onde era menor a probabilidade de embaterem em qualquer escolho.

Como viviam perto, conheciam já o que restou da barragem do Carrapatelo, onde na Grande Cheia foram bater as águas do mar que subiram o rio. Não chegaram a galgá-la, mas as forças envolvidas foram suficientes para a destruir. Por isso, não sem algum esforço, puderam reconhecer nas ruínas da barragem de Crestruma uma estrutura idêntica quando finalmente lá passaram, entre os escombros semi-submersos. O nível do mar, e portanto do Douro, estava cinco metros acima do que estivera um século antes e o rio agora espalhava-se a perder de vista.

Finalmente avistaram o que só podia ser a mítica cidade do Porto! Parecia um enorme portal no meio do rio imenso: de um lado a serra do Pilar, rendilhada de construções cegas; do outro o monte de Penaventosa, ameado da muralha e pontiagudo da sé.

E um portal para o mar! Passado esse estreito, o Douro voltava a espalhar-se em imensa foz,

desaguando logo ali no mar, que na maré alta vinha já quebrar no casario em ruínas, a meia encosta, aos pés do que restava da igreja de S. Francisco, engolindo Miragaia.

Extasiados, Al e Jo percorreram a cidade fantasma, coberta de líquenes ressequidos, lapas velhas, resíduos de sal e outros despojos marinhos, esse Porto que a lenda dizia ter sido povoado de dragões. Muitas construções ainda se mantinham em pé, apesar de esventradas. E o olhar experiente e conhecedor dos gémeos por todo o lado descobria materiais preciosos e aproveitáveis para um sem número de utilidades.

**As novas condições, nada similares às desse passado, levaram ao colapso do equilíbrio atmosférico, a um súbito e imparável degelo em cadeia e a uma subida média de 100 metros do nível dos oceanos. Meio mundo desapareceu e Portugal ficou reduzido a menos de metade.**

Depois de vaguearem dois dias pela cidade, tomaram a grande decisão: não regressariam nesse inverno a Ribadouro! Ao invés, ficariam ali, preparando no verão que restava um lugar para passar o inverno. Pescariam e secariam o peixe para provisões e tentariam caçar alguma coisa. Como depois vieram a perceber, ali, junto ao mar, o inverno não era tão rigoroso e o gelo que cobria o rio era fino o suficiente para abrir um buraco que lhes permitia a pesca. E o mar não chegava a gelar! Quando o perceberam, em pelo inverno, uma outra ideia os iluminou: construir, usando a enorme panóplia de materiais que a cidade lhes oferecia, um novo barco capaz de navegar o mar. E partir para sul à descoberta de novos mundos, de preferência mais quentes.

– *Bora la!*

– *Ia, me!*